

Lara Adrian

O BEIJO CARMESIM

Tradução
Filipa Aguiar

*Quinta Essência**



1

Dante passou o polegar sobre a doce carne da mulher, atravessando-se ao chegar à carótida, onde o pulso da humana batia com força. O seu próprio pulso também se acelerou, respondendo à pressa com que o sangue fluía sob aquela superfície de delicada pele branca.

Dante inclinou a escura morena e beijou aquele tenro lugar, deixando a sua língua brincar onde o coração da mulher batia precipitadamente.

– Diz-me – murmurou ele contra a sua pele cálida, a sua voz um grunhido grave no meio das batidas da música da discoteca –, és uma bruxa boa ou uma bruxa má?

A mulher retorceu-se no seu regaço, as pernas cobertas por umas sugestivas meias de rede, um espartilho negro a elevar-lhe os seios até à altura do queixo dele, como se os fosse oferecer num delicioso banquete. Brincou com uma madeixa da sua brilhante peruca fúcsia, depois deixou cair o dedo de maneira sensual sobre o peito, percorrendo uma tatuagem celta no seu generoso decote.

– Oh, sou uma bruxa muito, muito má.

Dante grunhiu.

– Essas são as minhas preferidas.

Ele sorriu ante o seu ébrio olhar, sem se dar ao trabalho de ocultar as presas. Era um dos muitos vampiros na discoteca de Boston naquela Noite das Bruxas, embora quase todos fossem impostores. Humanos com dentes de plástico, sangue falso e fatos ridículos. Outros – ele e mais alguns pertencentes a um dos Refúgios da nação dos vampiros junto à pista – eram absolutamente genuínos.

Dante e os outros eram membros da Raça, que estava a anos-luz dos típicos vampiros pálidos e góticos do folclore humano. Não sendo nem não-mortos, nem filhos do Mal, a Raça a que Dante pertencia era uma mistura híbrida de *Homo sapiens* e de seres de outro mundo. Os antepassados da Raça, um bando de conquistadores alienígenas que tinha aterrado acidentalmente na Terra há milénios e que agora estava há muito extinto, tinha acasalado com mulheres e dado à sua descendência a sede – a principal necessidade – de sangue.

Esses genes alienígenas tinham dotado a Raça com forças poderosas e também bastantes debilidades. Só o componente humano da Raça, cujas qualidades eram passadas através das suas mães mortais, mantinha a Raça civilizada e capaz de aderir a um certo tipo de ordem. Mesmo assim, alguns elementos da Raça tinham sucumbido ao seu lado selvagem tornando-se Renegados, entrando numa rua de sentido único pavimentado de sangue e loucura.

Dante desprezava esse elemento da sua Raça e, pertencendo a uma classe de guerreiros, era seu dever erradicar esses indesejáveis sem escrúpulos de onde se encontrassem. Como homem que gostava dos seus prazeres, Dante não sabia bem o que preferia: a cálida e saborosa veia de uma fêmea sob a sua boca ou o toque do aço com titânio na sua mão quando retaliava os seus inimigos e os transformava em pó.

– Posso tocar-lhes? – A bruxa de cabelo fúcsia que estava no seu regaço olhava fixamente para a boca de Dante fascinada.
– Essas presas parecem mesmo autênticas! Só quero senti-las.

– Tem cuidado – advertiu ele enquanto ela levava os dedos aos seus lábios. – Eu mordo.

– Ai sim? – Ela soltou uma risada e abriu os olhos com assombro. – Aposto que sim, querido.

Dante levou um dedo dela à boca e chupou-o, pensando em qual seria a forma mais rápida de ter a mulher na posição horizontal. Precisava de se alimentar, mas nunca se opunha a ter um pouco de sexo no processo... como prelúdio ou como sobremesa, não importava. Calhava-lhe tudo bem.

Sobremesa, decidiu num impulso, deixando que as suas presas se cravassem na ponta carnuda do dedo dela quando ela começava a retirá-lo. A mulher afogou um grito enquanto ele chupava a pequena ferida, recusando-se a soltá-la já. O sangue acendeu-o, fazendo estreitar as suas pupilas em fendas verticais no meio dos olhos dourados. Um desejo ardente apodeorou-se dele, alojando-se na protuberância do seu membro, que fazia pressão contra o couro negro das calças.

A fêmea gemeu, fechando os olhos enquanto se arqueava como uma gata no seu regaço. Dante soltou-lhe o dedo e colocou-lhe a mão na nuca para atraí-la para si. Tomar uma Anfitriã num lugar público não era exactamente o seu estilo, mas estava aborrecido e precisava de diversão. Além disso, duvidava que alguém reparasse, tendo em conta que a discoteca estava cheia de perigo falso e sensualidade aberta. Quanto à fêmea que tinha no colo, ela sentiria unicamente prazer quando ele tirasse dela o que necessitava. E mais tarde não se recordaria de nada, pois apagaria da sua memória todas as lembranças dele.

Dante avançou, inclinando a cabeça da mulher, já a salivar de apetite. Olhou para trás dela e viu dois vampiros de um Refúgio, parte da população geral da Raça, a observá-lo a uns metros de distância. Pareciam miúdos – sem dúvida da geração mais recente. Sussurravam entre si, reconhecendo-o como elemento da classe dos guerreiros e tentando decidir se deviam ou não abordá-lo.

«Desapareçam», pensou Dante, olhando na direcção deles, enquanto separava os lábios e se preparava para cravar as suas presas na veia da Anfitriã.

Mas os jovens vampiros ignoraram o seu olhar sombrio. O mais alto dos dois, um macho louro que vestia calças de camuflado, botas de motociclista e uma *T-shirt* preta, adiantou-se. O companheiro, de calças de ganga largas, ténis-bota e uma camisola enorme dos Lakers, avançou atrás dele.

– Merda. – Dante não se importava com um pouco de indiscrição, mas não precisava de público tão perto a olhá-lo boquiaberto enquanto se alimentava.

– O que se passa? – queixou-se a sua aspirante a Anfitriã quando Dante se separou dela.

– Nada, querida. – Pousou a mão na testa dela, apagando da sua mente a última meia hora. – Vai ter com os teus amigos.

Ela levantou-se obediente e afastou-se, fundindo-se na multidão de corpos que dançava na pista. Os dois vampiros do Refúgio lançaram-lhe uma olhada fugaz e aproximaram-se da mesa de Dante.

– Como vai isso, rapazes? – saudou Dante, sem nenhuma vontade de conversar.

– Ei! – O louro de calças militares fez um aceno com a cabeça, exibindo-se com os seus braços musculosos cruzados sobre o peito. Não havia um único dermaglifo visível naquela jovem pele. Era mesmo da última geração, provavelmente nem sequer com vinte anos. – Desculpa interromper, mas tínhamos de te dizer, pá, que... deram uma bela sova aos Renegados há uns meses. Toda a gente ainda fala da forma como a Ordem eliminou uma colónia inteira de Renegados numa noite. Reben-taram com os filhos da mãe. Foi espectacular, pá.

– Sim – acrescentou o companheiro. – Por isso nos perguntámos... quero dizer, ouvimos dizer que a Ordem anda à procura de novos recrutas.

– Ai ouviram?

Dante reclinou-se no assento e exalou um suspiro aborrecido. Aquela não era a primeira vez que era abordado por vampiros dos Refúgios que pretendiam unir-se aos guerreiros. Desde o ataque ao covil dos Renegados no velho hospital psiquiátrico no Verão, os discretos guerreiros da Raça tinham ganho muita popularidade indesejada. E até fama.

A verdade é que era bastante aborrecido.

Dante empurrou a cadeira para trás e levantou-se.

– Não é comigo que têm de falar sobre o assunto – disse aos esperançados rapazes. – E, de qualquer forma, o recrutamento para a Ordem é feito só por convite. Lamento.

Afastou-se deles a grandes passos, aliviado ao sentir a vibração do telemóvel no bolso do casaco. Pegou no aparelho e premiu o botão para aceitar a chamada procedente do complexo da Raça.

– Estou?

– Como vais? – Era Gideon, o génio residente dos guerreiros. – Viste alguma actividade estranha?

– Nem por isso. As coisas estão bastante mortas por estas bandas. – Dante olhou em volta na discoteca cheia de gente, reparando que os dois vampiros tinham decidido afastar-se. Dirigiam-se para a saída, levando duas humanas com eles. – Não detectei Renegados até agora. Não achas uma seca? Estou desejoso de um pouco de acção, Gid.

– Bom, tenta animar-te – disse Gideon, com um evidente sorriso na voz. – A noite ainda é uma criança.

Dante riu.

– Diz ao Lucan que o poupei a outros dois aspirantes que queriam alistar-se. Sabes, gostava mais das coisas quando éramos temidos, não venerados. Ele anda a fazer algum progresso com os recrutas, ou está demasiado ocupado com aquela sua bela Companheira de Raça?

– Sim a ambas as coisas – respondeu Gideon. – Quanto ao recrutamento, temos um candidato que virá de Nova Ior-

que e o Nikolai pediu aos seus contactos em Detroit que estejam atentos. Teremos de organizar provas para os recrutados... sabes, fazê-los demonstrar os seus talentos antes de nos comprometermos.

– Queres dizer dar-lhes uma tarefa e ver quem volta a pedir mais?

– Há alguma outra forma?

– Conta comigo – respondeu Dante enquanto avançava pela discoteca em direcção à porta.

Saiu para a noite, evitando um grupo de tipos foliões vestidos de *zombies* com roupas esfarrapadas e caras pintadas. O seu ouvido apurado captava centenas de sons – do ruído geral do trânsito aos gritos e risadas dos foliões bêbedos da Noite das Bruxas que enchiam as ruas e os passeios.

Também ouviu mais alguma coisa.

Algo que pôs em alerta os seus sentidos de guerreiro.

– Tenho de ir – disse a Gideon. – Sinto a presença de um Renegado. Afinal, parece que a noite não vai ser uma perda de tempo.

– Apresenta-te aqui depois de rebentares com ele.

– Certo. Até logo. – Dante desligou e guardou o telemóvel no bolso.

Entrou num beco, seguindo o grunhido grave e o fedor rançoso de um vampiro Renegado a perseguir a sua presa. Como os outros guerreiros da Ordem, Dante sentia um enorme desprezo pelos membros da Raça que se tinham convertido em Renegados. Todos os vampiros tinham sede, todos os vampiros tinham de alimentar-se – e às vezes matar – para sobreviver. Mas cada um deles sabia que a linha entre a necessidade e a gula era ténue, apenas uns centilitros de sangue. Se um vampiro consumisse demasiado, ou se se alimentasse com demasiada frequência, corria o risco de se tornar viciado, de cair num estado permanente de fome conhecida como Desejo de Sangue. Vencido pela enfermidade, converter-se-ia então num

Renegado, um *junkie* violento disposto a fazer qualquer coisa para conseguir a sua próxima dose.

A ferocidade e a indiscrição dos Renegados punham em perigo toda a Raça, deixando-a exposta aos humanos, uma ameaça que Dante e o resto da Ordem não podiam tolerar. E, além disso, estava a surgir uma ameaça maior: uns meses antes, constatara-se que os Renegados estavam a organizar-se, que o seu número aumentava, as suas tácticas eram orquestradas para a prossecução de um objectivo que não parecia muito longe da guerra. Se não fossem detidos, e em breve, tanto os humanos como os vampiros da Raça iriam ver-se no meio de uma batalha infernal e sangrenta capaz de rivalizar com o Armagedão.

Por agora, com a Ordem a concentrar-se em localizar o novo quartel-general dos Renegados, a missão dos guerreiros era simples. Caçar e eliminar o máximo número de Renegados possível. Exterminá-los como os vermes doentes que eram. Isso era uma missão que entusiasmava Dante, que nunca se sentia tão em casa como quando entrava em acção, percorrendo as ruas de armas na mão, à procura de um confronto. Isso mantinha-o vivo, tinha a certeza; mais ainda, mantinha os seus escuros demónios afastados.

Dante dobrou uma esquina e depois entrou noutro estreito beco entre dois velhos edificios de tijolo. Algures à sua frente ouviu um grito feminino na escuridão. Estugando o passo, dirigiu-se a toda velocidade para o som.

E chegou lá apenas com um segundo de antecipação.

O Renegado estivera a seguir os dois vampiros do Refúgio e as suas duas companheiras humanas. Parecia jovem, vestido com um traje gótico sob uma gabardina preta comprida. Mas, jovem ou não, era grande e forte e estava doido de sede. Tinha agarrado uma das mulheres num abraço mortal e já lhe chupava a garganta enquanto os dois aspirantes a guerreiros permaneciam ali, paralisados pelo medo.

Dante extraiu uma adaga da bainha na anca e lançou-a. A adaga cravou-se com força entre os ombros do Renegado. Era feita especialmente de aço e titânio e esta última substância era venenosa para o aparelho circulatório corrompido e para os órgãos dos Renegados. Um beijo daquela lâmina mortal e um Renegado começaria a cozer de dentro para fora rapidamente.

Só que com este tal não aconteceu.

Lançou um olhar selvagem a Dante, com os seus brilhantes olhos de cor âmbar e as presas ensanguentadas enquanto silvava uma advertência. O Renegado suportou o ataque da adaga, agarrando-se com mais força à presa e inclinando-lhe a cabeça para beber com uma urgência ainda maior.

Que diabo?

Dante aproximou-se a correr do vampiro faminto com outra adaga na mão. Não desperdiçou um segundo e desta vez foi direito ao pescoço, tentando fazer um corte limpo. A adaga afundou-se, fazendo um corte profundo. Mas o Renegado libertou-se do ataque antes de Dante o aniquilar. Com um rugido de dor, largou a mulher e concentrou toda a sua fúria em Dante.

– Tirem as humanas daqui! – gritou Dante aos vampiros do Refúgio enquanto agarrava na mulher e a empurrava para os outros. – Mexam-se, já! Limpem-na, apaguem a memória às duas e tirem-nas deste maldito lugar!

Os dois jovens entraram em acção. Agarraram as mulheres, que gritavam histéricas, e levaram-nas do local enquanto Dante reflectia na estranheza do que acabava de testemunhar.

O vampiro não se desintegrou como devia devido à dupla dose de titânio que Dante lhe administrara. Não era um Renegado, embora tivesse caçado e se alimentasse como o pior dos viciados em sangue.

Dante contemplou o rosto transformado, as presas alongadas e as pupilas elípticas dentro das íris de uma cor lumi-

nosa. Uma baba rosada e malcheirosa formara uma crosta na boca do vampiro, fazendo o estômago de Dante retorcer-se com o fedor.

Recuou, calculando que o vampiro devia ter a mesma idade que os dois jovens do Refúgio. Um maldito puto. Ignorando o golpe no pescoço, o vampiro esticou o braço para trás e tirou a adaga de Dante do ombro. Grunhiu, alargando as narinas como se fosse saltar a qualquer momento.

E então fugiu.

O vampiro afastou-se a grande velocidade, a gabardina a enfunar-se na sua esteira como uma vela enquanto ele se entranhava na cidade por um caminho serpenteado. Dante não abrandou o ritmo nem um segundo. Perseguiu-o rua após rua, através de becos e bairros, depois pelos estaleiros junto a Boston, onde as fábricas vazias e os velhos parques industriais se elevavam como sombrias sentinelas à beira do rio. O pulsar baixo da música retumbava de um dos edifícios, os graves sons de *house* e o brilho das luzes estroboscópicas vindos de alguma *rave* próxima.

A poucos metros diante dele, o vampiro dirigiu-se a um molhe que conduzia a um velho abrigo para botes. Um beco sem saída. Cuspindo fúria das fauces abertas, o vampiro deu meia volta e passou ao ataque, correndo para Dante como um lunático. O sangue fresco da fêmea humana empapava-lhe a frente da roupa. O vampiro tentou atacá-lo, as suas longas presas a pingarem saliva, a boca aberta a gotejar mais daquela espuma rosada fedorenta. Os seus olhos ambarinos brilhavam de pura ferocidade.

Dante notou a mudança operar-se também nele, a fúria da batalha transformando-o numa criatura não tão diferente daquela contra a qual lutava. Com um grunhido, lançou-se ao vampiro chupador de sangue sobre as tábuas de madeira do molhe. Com um joelho encostado ao peito do seu oponente, Dante tirou rapidamente as duas *malebranche* gémeas. As armas

de ameaçadoras lâminas brilharam ao luar com uma beleza letal. Mesmo que o titânio tivesse demonstrado ser inútil, havia mais de uma maneira de matar um vampiro, Renegado ou não. Dante fez descer as lâminas, primeiro uma, logo a outra, abrindo um lenho profundo na carnuda garganta do vampiro e decepando-lhe a cabeça.

Lançou os restos à água com um pontapé. O rio escuro ocultaria o cadáver até de manhã, quando os raios ultravioleta da luz do Sol se encarregariam do resto.

Um vento levantou-se da água, levando o fedor da poluição industrial e... de algo mais. Dante ouviu movimento próximo, mas só quando sentiu o ardor da carne rasgada na sua perna é que se deu conta de que se encontrava sob ataque. Recebeu outro golpe penetrante, desta vez no torso.

Raios!

Algures atrás dele, perto da velha fábrica, alguém disparava sobre ele. A arma tinha um silenciador, mas não havia dúvida de que se tratava de uma espingarda automática.

A sua aborrecida noite estava a ficar de repente mais interessante do que ele queria.

Dante atirou-se ao chão quando outro tiro passou a zumbir ao seu lado e foi parar ao rio. Rolou, procurando a proteção do abrigo dos barcos enquanto o atirador furtivo disparava mais balas. Um tiro atingiu um canto da estrutura, despedaçando a velha madeira e pulverizando-a. Dante tinha um revólver, um imponente nove milímetros como complemento das adagas que preferia usar em combate. Sacou a arma, embora soubesse que seria completamente inútil frente ao atirador furtivo àquela distância.

Mais balas acertavam no abrigo, uma delas roçando a face de Dante enquanto este olhava em volta tentando divisar o seu atacante.

Oh, aquilo não era bom.

Quatro vultos escuros desciam pelo aterro da zona da fábrica, todos armados até aos dentes. Embora os vampiros da Raça pudessem viver centenas de anos e resistir a graves ferimentos, eram feitos essencialmente de carne e osso. Se lhes enfiassem chumbo suficiente, cortassem artérias principais – ou, pior ainda, a cabeça – morriam tal como qualquer outro ser vivo.

Mas não sem darem uma luta dos diabos.

Dante ficou imóvel e esperou que os recém-chegados estivessem ao seu alcance. Quando isso aconteceu, abriu fogo contra eles, acertando no joelho de um e na cabeça de outro. Sentiu-se estranhamente aliviado ao ver que eram Renegados e que as balas especiais de titânio tinham acabado com eles provocando-lhes rapidamente uma fusão celular.

Os restantes Renegados ripostaram e Dante evitou com muita dificuldade as balas, movendo-se rapidamente ao longo do abrigo para barcos. Raios! Cobrir-se significava sacrificar a posição de ataque. Já para não mencionar o facto que isso o impedia de ver por onde se aproximavam os inimigos. Ouviu-os aproximar-se enquanto voltava a carregar a pistola.

Depois, silêncio.

Esperou um segundo, atento ao que o rodeava.

Algo maior que uma bala voou pelo ar para o abrigo. Caiu pesadamente nas tábuas e rolou até se deter.

Merda.

Tinham-lhe atirado uma maldita granada.

Dante inspirou profundamente e atirou-se para o rio apenas um instante antes de a coisa rebentar, fazendo voar pelos ares o abrigo e metade do molhe com uma gigante explosão de fumo, chamas e estilhaços. A percussão foi como um estampido sónico sob a água turva. Dante sentiu uma chicotada na cabeça e o seu corpo foi sacudido por uma pressão insuportável. Por cima dele, os escombros choviam sobre a superfície do rio, que estava iluminado por um fogo alaranjado.